

14H00 | ABERTURA

14h10 | LIVROS DE ARTISTA EM PORTUGAL: 1960-2010

Catarina Figueiredo Cardoso (FLUC | CLP)

O livro de artista é um livro inteiramente concebido como uma obra de arte, sendo o conteúdo consubstancial ao formato.

O livro de artista é uma forma de arte, uma forma de obra de arte autónoma da literatura, da pintura e da escultura, os seus *genera proxima*.

O livro também é um meio, no sentido de um meio de expressão artística específico, escolhido em função dos métodos criativos envolvidos e dos materiais utilizados.

Há uma discussão interminável sobre o conceito ou a definição de livro de artista. No entanto, podemos identificar três abordagens principais: a conceptual, a tradicional e a eclética.

Os objetos da minha pesquisa são principalmente os trabalhos, não os artistas. Não é o facto de os livros serem feitos por um/a artista que transforma os livros que ela/ele criou em livros de artista. Além disso, há artistas que são artistas porque fazem livros de artista: é o livro de artista (ainda que seja apenas um livro) que qualifica a/o sua/seu autor/a como artista. Os livros de artista são uma forma de arte, e é a obra de arte que qualifica a sua/o seu criador/a como artista.

O livro como obra de arte não é novo para os artistas plásticos, que não se preocupam muito com classificações e categorias. Mas os críticos e a academia perceberam que, na década de 1960, as/os artistas estavam a explorar as características do livro de novas maneiras. Os novos livros feitos por artistas inclinavam-se para uma recusa da beleza refinada das artes aplicadas, das artes tipográficas, tendendo a usar todos os materiais, técnicas e meios de expressão, independentemente da sua associação às artes plásticas, isto é, à Arte.

Escolhi um conjunto de livros para ilustrar o meu argumento sobre os livros de artista e a especificidade dos livros de artista em Portugal.

Para discutir a natureza do livro de artista, usarei a revista "Poesia Experimental". A "Poesia Experimental" é duplamente paradigmática: na maneira como usa o livro como forma de arte, e também nas formas pelas quais um grupo de artistas - que estavam muito bem integrados num movimento internacional de poesia (a poesia concreta e visual) - estabeleceu uma ligação específica com a situação política e social portuguesa, nomeadamente a ditadura e as guerras coloniais, e o conservadorismo da crítica literária em Portugal.

Para cada década, de 1960 a 2010, escolhi exemplos paradigmáticos para a compreensão e recepção dos livros de artista.

Anos 1960: *Par Suite* de Lourdes Castro; Anos 1970: *Os Bancos Antes da Nacionalização*, de António Aragão; Anos 1980: *Lugar 1*, de Luísa Correia Pereira; Anos 1990: *London Diaries*, de Daniel Blaufuks; Anos 2000: série "livros das cores" de Isabel Baraona.

Com estes livros tenciono demonstrar o que é o livro de artista, na sua variedade de formatos, materiais e temas. Estas obras foram escolhidas por serem técnica e historicamente representativas, e por serem exemplos maiores dos livros de artista que estavam a ser produzidos em Portugal ou por artistas portugueses durante o período que espelham.

14H40 | DE WANDA A COMPOSIÇÃO EM TEMPO REAL — PUBLICAR COMO PRÁTICA ARTÍSTICA

Ana João Romana (ESAD.CR)

De Wanda a Composição em tempo real — publicar como prática artística propõe uma abordagem à edição e publicação, em contexto português entre 2008 e 2018, por parte de artistas.

Partindo da minha perspectiva - de artista, editora, publicadora, docente, investigadora e colecionadora de livros de artista - proponho a análise de alguns casos de estudo de artistas e editores portugueses. Enquadrar como se posiciona a concepção e produção de artistas/editores como - Braço de Ferro, Façam Fanzines e Cuspam Martelos, Atlas Projectos, Pierre von Kleist, Ghost Editions e Stolen Books - como materializam alguns dos seus livros.

Na primeira parte da conferência propomos refletir sobre como se vai do publicar à publicação. Seguindo a ideia de Jurgen Habermas, espaços públicos são espaços onde a informação é negociada, avaliada e concordada¹, esta ideia é apropriada à publicação do livro, ao acto de tornar público - imprimir, distribuir e de criar público - divulgar. Por sua vez editar um livro implica a ideia de escolher e organizar o conteúdo desse livro, em português é habitual usar erradamente as palavras publicar e editar como sinónimos. Preferir a terminologia publicar como prática artística em detrimento de livro de artista é porque a primeira permite mudar a ênfase do artefacto - o livro, para a prática - o publicar.

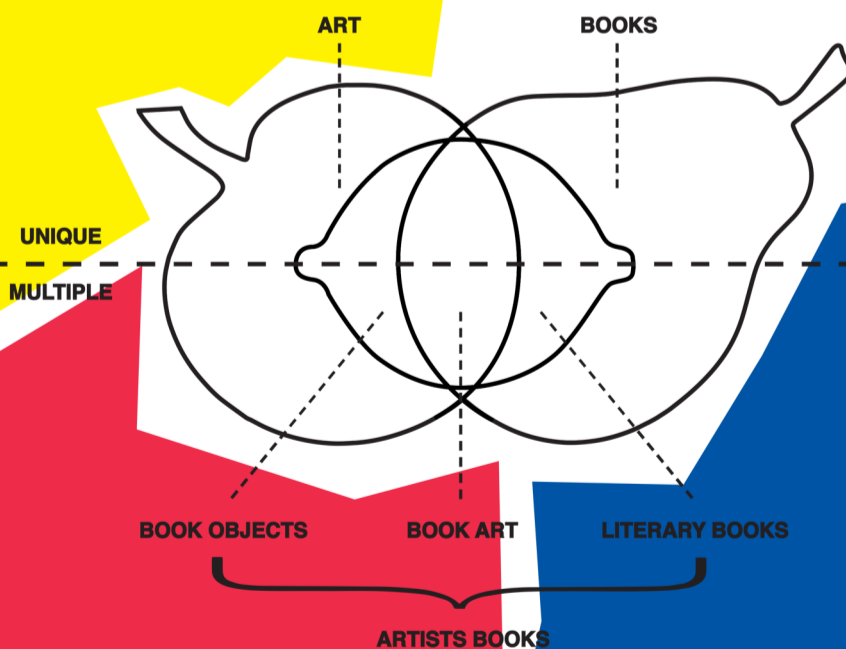
Na segunda parte da conferência propomos uma partilha de exemplos que têm como baliza temporal a crise financeira mundial de 2008 e o crescimento na área da publicação de artista nos dez anos que se seguiram. Exemplos que permitem uma reflexão sobre a emancipação de artistas e público em contexto económico adverso, e sobre a criação de uma comunidade restrita mas acessível, na qual os *livros fazem amigos*²

¹ Brian Willis, "The artists' book and postmodernism", in Phillpot, Clive e Lauf, Cornelia; *Artist/Author - contemporary artists' books*, The American Federation of the Arts, Nova Iorque, 1998, p. 99.

² *Books make friends* frase do editor Christoph Keller in (Ed.) WILLEMS, Roger e MANDERS, Mark; *Books make friends*, Roma Publications, Lisboa, 2006, p. 9.

FÓRUM PERMANENTE ARTE CONTEMPORÂNEA E MUSEU

PUBLICAÇÕES DE ARTISTAS #01. Mapear o território: investigações sobre o livro de artista em Portugal



O FPACM é um espaço de discussão e troca de experiências que tem como objetivo contribuir para a construção e/ou desenvolvimento de práticas reflexivas e de conhecimento sobre a musealização da arte contemporânea.

Na série de sessões dedicada às Publicações de Artistas propõe problematizar o livro de artista e, mais genericamente, a publicação de artista como uma categoria da arte contemporânea, centrando-se nos seus processo de musealização/institucionalização por bibliotecas, centros e museus de arte. Procura, assim, contribuir para a identificação e abordagem crítica de questões suscitadas durante esse processo: o próprio conceito de livro de artista; as políticas de gestão de coleções desta natureza; as narrativas e os discursos expositivos; o lugar físico e simbólico ocupado pelas publicações de artistas nos museus contemporâneos.

15h10 | VIRTUALIZAÇÃO DO LIVRO DE ARTISTA: PENSAR A MATERIALIDADE BIBLIOGRÁFICA NO MEIO DIGITAL

Samuel Teixeira (FLUC | CLP)

Virtualização do Livro de Artista é um projeto de investigação integrado no Programa de Estudos Avançados em Materialidades da Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e, especificamente, na linha de investigação ReCodex: Formas e Transformações do Livro (2015-2022). Esta linha de investigação analisa “a performatividade do livro como máquina literária, considerando quer as formas impressas, quer as formas digitais” e procurando responder às seguintes questões: “o que é um livro do ponto de vista concetual e material? O que nos dizem os processos, formas e práticas literárias sobre o livro como dispositivo e como medium? Como participam as formas e transformações do livro nos processos de significação literária?”

Virtualização do livro de artista reflete sobre a recodificação do livro de artista no meio digital. Os livros de artista como tecnotextos questionam de uma forma particular, autoconsciente e performativa a sua materialidade, isto é, o código bibliográfico, nos movimentos de inscrição e leitura, criando modos de produção de presença e sentido específicos. A importância da materialidade na leitura dos livros de artista desafia os métodos de intermediação. A questão central deste projeto de investigação é determinar os limites do processo de recodificação das dimensões háptica, performativa, estrutural e gráfica do livro de artista no ciberespaço, analisando as características de cada código: do código bibliográfico e do código digital. A criação de arquivos digitais e livros eletrónicos (duas dimensões da hiperedição) exigem um conhecimento aprofundado da codificação bibliográfica. Ou seja: do programa do livro. Segundo Johanna Drucker, atualmente, o livro eletrónico é, sobretudo, um vínculo visual do livro literal, inspirado numa ideia de sugestão ou de metáfora morfológica e sintática do códice.

Virtualização do Livro de Artista pressupõe que o experimentalismo e as práticas artísticas podem desempenhar um papel importante e ativo no alargamento dos horizontes de expectativas e na compreensão da materialidade do impresso e do digital, especulando futuros modos de representação e de formas do livro (de artista) nos novos média.

15H40 | DEBATE

16H00 | INTERVALO

16H15 | TIPO.PT OU A AVENTURA

Isabel Baraona (ESAD.CR)

Tipo.pt foi fundado em 2013 por Catarina Figueiredo Cardoso e Isabel Baraona, projecto que compreende uma base de dados online e uma publicação anual intitulada *Portuguese Smallpress Yearbook*.

Tipo.Pt reúne informação sobre livros de artista e edições de autor criados por artistas portugueses, ou tendo Portugal como tema. São apresentadas fichas de leitura, imagens e texto, análises críticas, sobre o número o mais abrangente possível de livros e outros objectos gráficos produzidos no contexto da arte contemporânea. São catalogados projectos de edição independente e/ou auto-edição, *smallpress*, livros de artista, fanzines e objectos de natureza semelhante. Os objectos catalogados são múltiplos, edições no formato livro, desdobrável ou brochura, impressos em qualquer técnica: off-set, digital e laser, gravura, tipografia, serigrafia e outras técnicas oficinais de impressão. São referidas as bibliotecas onde as edições podem ser consultadas.

A base de dados é actualizada anualmente e, em 2018, passou a incluir um conjunto de 30 entrevistas feitas por Ana João Romana a diversos intervenientes relacionados com edição de autor, no âmbito do seu doutoramento intitulado *Publicar a estória/história do livro de artista em Portugal*.

O *Portuguese Small Press Yearbook* é uma publicação impressa em papel, com diversos contributos e páginas criadas por artistas. PSPY proporciona uma panorâmica anual da produção de livros de autor, edição independente, e produção crítica e académica relevante. Tanto o website como o Anuário são trilingues, com os conteúdos acessíveis em português, inglês e francês.

www.Tipo.PT e o *Portuguese Small Press Yearbook* existem graças a uma rede colaborativa interessada no reconhecimento público do valor plástico indiscutível deste tipo de obras. Ao divulgar projectos editoriais de grande qualidade, representam não uma tomada de posição activa na elaboração da história da edição de autor em Portugal.

16H45 | O LIVRO DE ARTISTA COMO ARQUIVO FEMINISTA

Márcia Oliveira (CEHUM-ILCH)

De que é feito um livro? Mais do que mera superfície, o livro, ao contrário de outras obras de arte, tem um interior. Trata-se de um objecto feito para ser vivido, e não apenas para ser visto; vivido através da leitura, mas também da contemplação, do olhar, do toque, do manuseio, e do movimento. Logo, “ver” um livro de artista implica um envolvimento com várias interações, sendo que o livro de artista pode definir-se como “interface dinâmica”, ou “um conjunto de códigos estruturado para usar e aceder a informação e para percorrer a experiência de uma obra”, como coloca Johanna Drucker (Drucker, 1994, vii). Resumidamente, podemos esquematizar essa interface como uma síntese de tempo, espaço e movimento. Tais características imprimem ainda no livro de artista uma interessante vocação ‘arqueológica’, uma vez que este incorpora ritmo, acção e memória, que são activa e construtivamente dinamizados pela leitora em si próprio uma vez que é não só uma recolção de elementos num espaço comum e específico, mas antes uma plataforma na qual o passado é posto em relação com o presente, evidenciando questões de memória, repetição, reprodução, mas também de poder. Partindo de estudo de caso concretos, esta apresentação pretende explorar estas particularidades do livro de artista para aventar a hipótese de identificar um arquivo feminista nestes objectos artísticos que, para lá de mera estética e materialidade, constituem-se como verdadeiros processos genderizados.

17H15 | LIVRO DE ARTISTA NO MUSEU

Elisa Noronha (FLUPICITCEM)

Embora seja possível retroceder no tempo quase indefinidamente na busca pela origem do livro de artista (Silveira, 2001), ao se falar de livro de artista nesta comunicação, fala-se de uma produção artística específica, consolidada a partir das experiências conceituais das décadas de 1960 e 1970. Ou seja, do livro de artista como uma categoria da arte contemporânea consolidada, por exemplo, com as experiências de Edward Ruscha, Dieter Roth, Marcel Broodthaers, Sol Le Witt e Richard Long; com as publicações de Seth Sieglaub; com a editora Something Else Press, de Dick Higgins; com a livraria Others Books and So, de Ulises Carrión; com as publicações do Grupo Fluxus; com as revistas *Avalanche* e *Art-Language* (Moeglin-Delcroix, 1997; Phillpot, 1993). Experiências estas que manifestavam, para além da pluralidade de práticas que caracterizam a arte contemporânea, a procura dos artistas por uma certa autonomia em relação aos críticos, por um rompimento com o mercantilismo na arte, por espaços menos convencionais e alternativos às galerias e aos museus, por um público menos contemplativo e mais participativo (Linker, 1980). Por outras palavras, manifestavam a vontade dos artistas em deixarem o domínio sagrado da arte “para penetrarem no domínio mais vasto e menos circunscrito da cultura”, integrando sua produção numa “estratégia de cultura”, assente, necessariamente, em princípios críticos (Carrión apud Freire, 1999, p.128).

Segundo Drucker (1995), a partir desta perspectiva o livro de artista é, por excelência, uma forma de arte do século XX. Contudo, até o início da década de 1990, o livro de artista como gênero não teria sido devidamente analisado, sistematizado ou criticamente incorporado à história da arte deste mesmo século. E se por um lado esta tarefa vem sendo realizada com maior intensidade nas duas últimas décadas — impulsionada tanto pelo aumento do número de publicações de artistas, quanto de estudos, periódicos, editoras, eventos e instituições dedicadas a este tipo de produção —, por outro, observa-se que o certo descompasso que existiu entre a consolidação do livro de artista como uma categoria da arte contemporânea e a sensibilização dos diferentes agentes culturais — historiadores da arte, críticos, museus — para as suas especificidades e multiplicidade formal, evidencia-se hoje, sucintamente, em torno de duas problemáticas: o frequente problema da definição, ou a recorrente pergunta “o que é um livro de artista?”; e a normalização das infraestruturas ou os modos poéticos e políticos de musealização do livro de artista por bibliotecas e museus de arte contemporânea, i.e., as políticas de aquisição, exposição, conservação e acessibilidade instauradas para este tipo de produção. É na intersecção entre estas duas problemáticas que esta proposta de comunicação se insere, estrutura-se e desenvolve-se, centrando-se na identificação/abordagem crítica de algumas problemáticas suscitadas pelo lugar físico e simbólico “ocupado” pelos livros de artista e, mais genericamente, pelas publicações de artistas nos museus de arte contemporânea.

17H45 | DEBATE